

Programa de iniciação científica insere alunos do Ensino Médio no mundo da pesquisa acadêmica

Um dos eixos dos estudos tem como enfoque a promoção da igualdade racial no ambiente escolar

“Eu sou porque nós somos”. Essa é a máxima de Ubuntu, filosofia africana que implica os conceitos de cooperação, empatia e respeito, e que inspirou a criação de um dos eixos de pesquisa do projeto *Iniciação Científica no Ensino Médio* em Minas Gerais. Lançado em junho pela Secretaria de Estado de Educação, em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapemig), Instituto Unibanco e Ação Educativa, o projeto levará a experiência de pesquisa e extensão a 3.452 estudantes de 221 instituições de ensino estaduais.

Um dos eixos do projeto é o *Núcleo de Pesquisas e Estudos Africanos, Afro-brasileiros e da Diáspora* (Ubuntu/Nupeaa's), que, em consonância com a Lei nº 10.639 e com a campanha *Afroconsciência*, desenvolvida pela SEE, tem como enfoque a promoção da igualdade racial pautada no reconhecimento da diversidade como elemento preponderante para o desenvolvimento escolar.

Já foram selecionados, por meio de edital, 94 projetos pelo Ubuntu/Nupeaa's, com 12 estudantes em cada. São 1.128 jovens pesquisadores sendo orientados nos núcleos, e a expectativa da Secretaria é de que sejam impactados cerca de 5.600 alunos de 470 escolas em Minas Gerais.

Para a superintendente de Modalidades e Temáticas Especiais de Ensino da SEE, Iara Pires Viana, os Nupeaa's vêm dizer aos jovens mineiros, estudantes de escolas públicas, que eles têm plenas condições de estar na universidade. “Queremos aproximar a nossa juventude da academia, que muitas vezes é algo distante, principalmente para aqueles que moram na periferia”, afirma.

Para começar o projeto, a SEE fez um levantamento em todo o Estado. “Algumas regiões apresentam número maior de genocídio da juventude negra, principalmente na periferia. Estas foram contempladas com um número maior de núcleos”, explica Iara. Para o primeiro edital, foram mais de 600 projetos inscritos.

VALORIZAÇÃO - Em Belo Horizonte, a professora de Arte na Escola Estadual Professor Pedro Aleixo, Samara Xavier, conta que o projeto começou pouco antes do edital da SEE. “Foi um evento que fizemos valorizando essas manifestações culturais locais, como duelos de MCs, o grafite, o *Hip-Hop*, entre outras. A ideia era reconhecer a escola como espaço sociocultural”, detalha.

A escola, onde a maioria de alunos é do Aglomerado da Serra, agora vai ampliar a proposta. “O edital fortalece a ideia e amplia a discussão. O foco era bem cultural, e agora vamos aliar isso à discussão das relações étnico-raciais. Será feito no Aglomerado desde a pesquisa teórica do conceito de favela, como ela surge, até um mapeamento dos



O professor Ronildo da Silva com uma parte dos alunos orientandos

grupos culturais que lá existem e resistem, e partilhar isso na escola”, conta Samara.

JUIZ DE FORA - Em Juiz de Fora (Território Mata), a Escola Estadual Professor Cândido Motta Filho foi uma das contempladas no edital. O professor de Matemática Reginaldo Brito está à frente da pesquisa. “Atuo aqui há 26 anos, e é uma escola periférica, com população majoritariamente negra. Eu já desenvolvia uma prática pedagógica que se encaixa na proposta do Ubuntu/Nupeaa's, e pela primeira vez percebi uma política pública nesta direção. Inscrevi o projeto e deu certo”, conta o professor.

O Grupo de Pesquisas Sociais (GPS), conduzido por Brito, pesquisa a abordagem da temática racial pela mídia. “Analisamos quanto o negro aparece e, principalmente, como ele aparece, se em contexto negativo ou positivo. Assim, construo junto aos alunos medidas estatísticas e a partir daí a discussão é ampliada.

O projeto inclui, ainda, o conceito da Etnomatemática, criado por um matemático brasileiro e reconhecido mundialmente. Essa linha estuda que cada povo/grupo social tem maneiras próprias de explicar coisas do cotidiano, o que inclui o conhecimento matemático.

No estudo, o grupo de alunos orientado por Reginaldo Brito vai pesquisar unidades próprias de medida e distância, por exemplo, existentes na comunidade quilombola Colônia do Paiol, de Juiz de Fora. Como parte do projeto, os alunos também

participaram de duas rodas de conversa com africanos, estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o objetivo de desconstruir o imaginário sobre o país e possibilitar um olhar mais próximo da realidade.

O aluno Luiz Carlos Narciso, 17 anos, um dos orientados, conta que sua visão sobre a África mudou. “A gente tem essa impressão de que eles são miseráveis. E não é verdade. Estamos bem empolgados com a pesquisa, que pode abrir portas para a gente”, diz.

RIBERÃO DAS NEVES - Em Ribeirão das Neves (Território Metropolitano), os alunos do vice-diretor da Escola Estadual José Luiz de Carvalho e professor de História Ronildo da Silva vão pesquisar os saberes tradicionais populares mineiros, especificamente o das benzedeiras.

“Vamos estudar este trabalho das benzedeiras locais, e também no quilombo Nossa Senhora do Rosário, que fica aqui perto. Nossa construção social desmereceu muito o que veio da África. Como se fosse do mau, ruim. Mas a essência é muito bonita. Queremos desconstruir e desmitificar esse preconceito”, afirma Silva.

Desde outubro, os alunos já estão frequentando o contraturno escolar para o projeto. “Eu nunca tinha visto isso dentro do Estado, onde estou há 15 anos. Estou esperançoso. É importante para os alunos e também para os professores, que terão títulos de pesquisador”, finaliza o professor.

A orientanda Maria Eduarda dos Santos, de

16 anos, conta que achou o tema muito interessante. “Já fui a uma benzedeira com uns oito anos de idade. E na escola a gente fala pouco sobre isso, mesmo sendo tão comum. Está todo mundo bem animado”, afirma.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES - Os professores que tiveram projetos selecionados para participar do Programa já participaram de uma formação de três dias em Belo Horizonte. Estiveram presentes educadores de 94 escolas cujos projetos foram selecionados para integrar o eixo Núcleos de Pesquisas e Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e da Diáspora (Ubuntu/Nupeaa's) e 33 professores de escolas que participarão do eixo Territórios de Iniciação Científica (TICS).

O participante vai receber extensão de carga horária, titulação de pesquisador e tutoria de professores de Instituições de ensino superior, fruto da parceria com a Fapemig. Ao final do projeto, serão realizados dois seminários (regional e estadual) para apresentação dos resultados.

Segundo a superintendente Iara Pires Viana “a expectativa é que sejam publicados artigos, capítulos de livros e que tenhamos estudantes mais seguros para o ingresso nas universidades, além de capilarizar as discussões com argumentos mais consistentes e trabalhar de modo mais eficaz no enfrentamento às práticas racistas”.

A previsão é que o segundo edital do projeto seja lançado em outubro de 2018.